

Práticas de Leitura e Uso de Sites de Redes Sociais entre Estudantes de Jornalismo¹

Renata Prado Alves SILVA²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Diferentes pesquisas apontam para a ampliação da frequência de uso de internet no Brasil, especialmente entre jovens, em paralelo ao decréscimo da quantidade de livros lidos. O presente artigo tem como objetivo analisar hábitos de leitura de estudantes de Jornalismo, partindo da hipótese de que a maior parte das práticas de leitura diária destes indivíduos acontece em ambientes digitais. Pretende-se, através de método quantitativo, testar possíveis correlações entre frequência e hábitos de leitura de textos, em diferentes formatos e suportes, com destaque para conteúdo noticioso, e o tempo de permanência no Facebook.

Palavras-chave: leitura; livro; internet; notícias; Facebook.

Introdução

Estima-se que 48% dos jovens entre 16 e 25 anos utilizem a internet todos os dias por aproximadamente 4 horas (BRASIL, 2014). Tal fato coexiste com o aparente declínio da leitura de livros revelado pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, com a média anual de livros lidos por jovens entre 18 e 24 anos caindo de 4.4, em 2007, para 3.9 em 2011 (FAILLA, 2012). Ambas informações derivam de um panorama geral sobre hábitos de consumo de mídia e práticas de leitura no país, respectivamente, mas despertam questionamentos cujas respostas possivelmente residem na realidade local de pequenos grupos. Ao analisarmos essas duas medições paralelamente, encontramos pistas de que a leitura de livros não é uma prática em ascensão entre esta faixa etária, ao contrário do uso de mídias sociais, como o Facebook, que cresce conforme se expande o acesso à internet.

Na medida em que o cidadão comum, especialmente aquele que, mesmo indiferente a jornais, revistas e, principalmente, livros, torna-se leitor de vários tipos de textos em ambientes digitais, cresce a relevância de se pensar os hábitos de leitura em um sentido mais amplo do que o que aparentemente vem sendo utilizado, por exemplo, pelos programas de incentivo à leitura.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento
² Doutoranda do PPGCom/UERJ. Email: pradorenata@gmail.com.

Analisando a história do livro e da leitura no contexto nacional, encontramos a persistência de uma relação entre educação e leitura de livros como dois fatores diretamente proporcionais. Os aspectos mais evidentes dos propalados baixos índices de leitura de livros, e textos impressos de forma geral, são atribuídos à história recente do país, que se adequa perfeitamente à seguinte realidade descrita por Barbier (2008, p. 464):

Lentidão na alfabetização, da difusão das capacidades, de práticas e hábitos culturais das categorias que até aqui não tinham tido acesso – saber ler, atingir um nível de leitura eficaz, praticar, (e poder praticar) a leitura individual extensiva, comprar livros ou jornais... Essa difração faz-se no interior de cada grupo (principalmente, para a história contemporânea, de cada nacionalidade).

Essa relação entre livro e leitor é bem ilustrada por Aguiar (2011), que apresenta o Brasil como um país de cultura tradicionalmente oral no qual se passa da oralidade para a sociedade de massa sem que o acesso ao livro como meio de comunicação tenha se popularizado, resultando em “um ‘modus vivendi’ avesso às letras” (AGUIAR, 2011, p. 107).

Corroborando essa alegação o índice nacional de analfabetismo que, no início do século XX, era de 76,4% (BOMEHI, 2009), situação drasticamente contrastante, por exemplo, em relação a regiões da França, onde ainda em 1867 as comunidades possuíam escolas nas quais se garantia o contato com os livros e, em 1880, até mesmo biblioteca pública e imprensa (FABRE, 2011, p. 202).

Em 1930, no Brasil, 62% da população ainda era analfabeta e, em 2013, 8,3% (IBGE, 2014). Com a ampliação do acesso à Educação nas últimas décadas, era de se esperar, então, um aumento no número de livros lidos por habitante, especialmente devido à criação de diversos programas governamentais ao longo dos anos. Podemos citar o *Instituto Nacional do Livro*, em 1937, e, mais recentemente, o *Plano Nacional do Livro e da Leitura*, em 2006, ambos obtendo poucos resultados.

Nos levantamentos sobre políticas públicas, pode-se concluir, a princípio, que “muitas ações não se consolidaram e o livro e a leitura ainda não foram incorporados ao cotidiano do cidadão brasileiro” (ROSA, 2013, p. 41).

No entanto, esta afirmação deriva da visão que historicamente vem persistindo sobre uma suposta superioridade do ato de ler livros, especialmente de literatura, em relação a outros tipos de leitura.

A literatura é prioridade para quase metade dos projetos (61,3%), acessada por meio do livro em 64,1% das ações. Essa constatação permite inferir que bons projetos atuam fortemente pela democratização do acesso à literatura utilizando o livro.

Pode-se verificar também que pelo menos um em cada três projetos analisados utiliza a contação de histórias como meio de divulgação da literatura ou outras linguagens, enquanto o uso das mídias digitais ainda é uma lacuna importante - mesmo em projetos de destaque, eles não representam nem 10% do universo pesquisado (7,6%) (YUNES, 2014, p.102-103).

Ao descrever a cultura escrita nos pirineus franceses e vestígios dessa prática por meio de uma história social da alfabetização que se entrelaça à da escrita, à do livro e à da leitura, Fabre (2011, p. 203) lança a seguinte questão, pertinente a este trabalho:

... mais que traçar uma separação entre letrados e iletrados, não seria necessário revelar toda uma paleta de posições em relação à escrita, onipresente pela variedade de suas formas e de seus usos; do estandarte ao cartaz, passando pela etiqueta, do manuscrito ao jornal, da folha volante ilustrada ao livro? (FABRE, 2011, p. 203).

O próprio autor, entretanto, destaca que, na sociedade por ele analisada, tem-se já uma visão daqueles que leem como “os eleitos do livro”, e a figura do “ledor” como um consumidor de livros que adquire status por isso, possuindo a leitura um caráter ritual que ele descreve como “extraordinário efeito distintivo da leitura de um livro” (FABRE, 2011, p. 207).

Voltando ao Brasil, as pesquisas e iniciativas que buscam medir e aumentar índices de leitura apenas com base em livros acabam desconsiderando que os textos são onipresentes, e que o ato de ler e produzir sentido de forma alguma se encerra no códice.

O fato é que hoje, provavelmente como nossos ancestrais, lemos os mais diferentes tipos de textos, o tempo todo, nos mais diversos suportes. Lemos livros, revistas, jornais, panfletos, cartazes, todos impressos, lemos no computador (online ou não), no celular, em tablets, placas de publicidade e em muitos outros locais. E lemos de tudo: notícias, artigos, notas fiscais, reportagens, romances, faturas de cartão de crédito, poesias, contos, crônicas, manuais, piadas, menus etc. O leitor contemporâneo, tanto faz se lendo mais ou menos, melhor ou pior, está cercado de textos por todos os lados (GONÇALVES; MONTEIRO; ROCHA, 2013, p. 26).

Considerando a profusão de textos, que não é exclusiva do nosso tempo ou sociedade, destaca-se a importância de considerar as “limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” (CHARTIER, 1999, p. 77).

A pesquisa

Deseja-se, então, analisar de forma mais ampla o comportamento de leitura de estudantes universitários, população de interesse deste trabalho, usando como população de referência a totalidade dos estudantes de um curso de Jornalismo. A análise terá foco em onde, como e com que frequência as práticas de leitura se inserem em seu cotidiano e são perpassadas

pelo uso de internet e mídias digitais, especificamente sites de redes sociais. Consideraremos aqui a definição de Site de Rede Social (SRS), proposta por Boyd e Ellison (2007). Em linhas gerais, “toda a ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela” (RECUERO, 2009, p. 101).

A pesquisa está apoiada em uma visão que confere importância às leituras realizadas no cotidiano do cidadão comum, considerando que, com amadurecimento da internet, ainda mais pessoas migraram diversas atividades diárias para ambientes online, inclusive parte de seu volume de leitura, especialmente de notícias.

SRSs como o Facebook penetraram no cotidiano, condicionando muitos hábitos de comunicação, consumo e produção criativa, apesar das limitações e distorções dos modelos de sociabilidade propostos por este e outros ambientes que, em muitos sentidos, mais conectam que sociabilizam (DIJCK, 2013).

Pretende-se comparar o perfil de utilização de SRS e internet destes estudantes com seu perfil de leitor de mídias tradicionais. O objetivo é avaliar em que dimensão sua participação em sites como o Facebook pode ser relacionada à quantidade e o tipo de leitura diária realizada.

Parte-se do pressuposto de que SRS são amplamente utilizadas entre estudantes universitários, configurando-se como sua principal plataforma de acesso e leitura de textos. Para testar esta hipótese, recorreremos a uma pesquisa que buscou apreender as tendências predominantes nas práticas de leitura deste grupo e responder às seguintes questões de natureza quantitativa: a) a média anual de leitura de livros destes estudantes de Jornalismo está acima da média nacional?; b) os que leem mais livros são os que permanecem menos tempo conectados a SRS?; c) a leitura de notícias acontece predominantemente em meio digital?; e, por fim, d) os que permanecem mais tempo conectados a redes sociais online são os que mais leem notícias?

Após etapa de pré-teste e aprimoramento, em novembro de 2014 o formulário final foi aplicado a 124 estudantes do Centro Universitário Estácio Juiz de Fora, correspondendo este número à totalidade dos alunos que atendiam a dois requisitos: matriculados no curso de Jornalismo e frequentando as disciplinas. O formulário impresso com 44 questões (de múltipla escolha, de escala de classificação, de caixas de comentário e demográficas) foi preenchido durante o horário das disciplinas, e a tabulação foi feita entre janeiro e março de 2015.

Como variável independente (BABBIE, 2010) tomamos o tempo de uso de redes sociais questionando sua influência sobre o tempo de dedicação à leitura, aqui considerado variável dependente. Pretende-se, portanto, investigar relações de causa e efeito entre estas duas variáveis nos hábitos de leitura do referido grupo.

A discussão e análise dos resultados considera a complexidade de fatores tais quais características socioeconômicas e demográficas dos indivíduos, suas preferências e outras variáveis cujos atributos são indispensáveis para a compreensão da questão em seu contexto mais amplo. Entretanto, aqui pretende-se analisar mais detalhadamente, e de forma quantitativa, a frequência de utilização de diferentes suportes de leitura por estes jovens.

Apesar de inicialmente seguirmos a tendência de analisar a relação entre livro e leitor, o que nos importa neste estudo é a compreensão da leitura como “prática cultural, lugar de produção de sentido, de compreensão e de gozo” (GOULEMOT, 1996, p.107) que se estende para além do código, nos textos que permeiam o cotidiano.

Análise descritiva dos hábitos de leitura

Dentre os 124 participantes deste estudo (cuja média de idade é de 23 anos), 82,3% se encaixam na definição de leitor usada pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2012), a saber: aqueles que leram ao menos um livro inteiro ou em partes dos últimos três meses. Entretanto, para esta pesquisa, todos são caracterizados como leitores, uma vez que possuem a capacidade de ler e interpretar textos.

Trata-se de um grupo que demonstrou gosto pela leitura. Apenas 3 estudantes alegaram não gostar de ler e somente 12 do total de entrevistados alegaram ler mais por obrigação do que por prazer. No entanto, essa preferência geral não se refletiu na média de livros lidos por ano, a qual está abaixo (3,1) da média obtida pelas pesquisas nacionais.

O pertencimento a um curso de graduação também não aparenta relação direta com o volume de leitura, uma vez que 63,7% afirmaram que, dos livros inteiros ou em partes lidos, nenhum era indicação de professores e 54,8% não leram nenhum livro acadêmico ou didático nos últimos três meses anteriores à realização da pesquisa, sendo a maioria dos livros lidos, 86,1%, de literatura.

Outro ponto que se destaca é a insatisfação, para mais da metade dos estudantes (56,5%), com o número de livros lidos. Os problemas relacionados à leitura mais frequentemente apontados foram: não ter concentração suficiente para ler (13,8%), ler

muito devagar (12,2%), não ter paciência (8,9%), ter problemas de visão ou outras limitações físicas (5,7%) e não compreender a maior parte do que lê (1,6%).

Dentre os 56,5% que se mostraram insatisfeitos com sua dedicação à leitura, 73,4% afirmaram que a razão pela qual não leram mais foi a falta de tempo.

Um dos objetivos era traçar, entre os leitores, os principais fatores influenciadores para a leitura de um livro, analisando os processos cognitivos que entram em jogo na escolha de leitura de obras literárias como diretamente relacionados à psicologia do leitor. O mais mencionado foi “tema” (Fi=87), o que aponta para uma forte influência do gosto pessoal na escolha das leituras. O segundo mais citado foi “dicas de amigos, conhecidos ou familiares” (Fi=46), relacionando o incentivo à leitura diretamente às redes de sociabilidade dos indivíduos.

Quando perguntados sobre sua preferência em relação a gêneros, 60,3% afirmaram preferir ficção, sendo “romance” o mais citado (Fi=64). Dos 39,7% que preferem livros de não-ficção, apenas um estudante afirmou ter os livros de Jornalismo como gênero favorito, sendo “biografia” o tipo de livro de não-ficção mais mencionado (Fi=34).

Leitura no dia a dia

Um dos principais objetos de análise deste estudo foi a frequência de leitura realizada diariamente em diferentes suportes. Quando perguntados sobre a periodicidade com a qual leem livros, apenas 17,8% afirmaram ler todos os dias, enquanto 31,4% afirmaram não ler livros com uma periodicidade definida (Tabela 01).

Tabela 01 - Frequência de leitura de livros

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Todos os dias	21	16,9	17,8	17,8
	De 5 a 6 vezes por semana	9	7,3	7,6	25,4
	De 2 a 4 vezes por semana	16	12,9	13,6	39,0
	Semanalmente	10	8,1	8,5	47,5
	Quinzenalmente	11	8,9	9,3	56,8
	Mensalmente	11	8,9	9,3	66,1
	Sem periodicidade definida	37	29,8	31,4	97,5
	Nunca	3	2,4	2,5	100,0
	Total	118	95,2	100,0	
Ausente	Sistema	6	4,8		

Total	124	100,0		
-------	-----	-------	--	--

A mesma pergunta foi feita em relação outros suportes de leitura, como pode ser conferido nas Tabelas 02 a 05, concernentes, respectivamente, à leitura de revistas, jornais impressos, sites de notícias e blogs. A leitura diária mais citada foi a de sites de notícias (73,7%), seguida da leitura de blogs (49,2%).

São lidas todos os dias as mídias impressas na seguinte ordem: Jornais (22,6%), Livros (17,8%) e Revistas (6,5%). Os dados coletados confirmaram uma forte concentração da leitura diária em ambientes digitais, sendo essa uma das hipóteses norteadoras confirmadas pelos dados coletados.

Tabela 02 - Frequência de leitura de revistas

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido Todos os dias	8	6,5	6,5	6,5
De 5 a 6 vezes por semana	2	1,6	1,6	8,1
De 2 a 4 vezes por semana	19	15,3	15,3	23,4
Semanalmente	34	27,4	27,4	50,8
Quinzenalmente	12	9,7	9,7	60,5
Mensalmente	8	6,5	6,5	66,9
Sem periodicidade definida	34	27,4	27,4	94,4
Nunca	7	5,6	5,6	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 03: Frequência de leitura: Jornais impressos

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido Todos os dias	28	22,6	22,6	22,6
De 5 a 6 vezes por semana	14	11,3	11,3	33,9
De 2 a 4 vezes por semana	16	12,9	12,9	46,8
Semanalmente	25	20,2	20,2	66,9
Quinzenalmente	5	4,0	4,0	71,0
Mensalmente	3	2,4	2,4	73,4
Sem periodicidade definida	28	22,6	22,6	96,0
Nunca	5	4,0	4,0	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 04: Frequência de leitura de sites de notícias

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido Todos os dias	87	70,2	73,7	73,7

	De 5 a 6 vezes por semana	8	6,5	6,8	80,5
	De 2 a 4 vezes por semana	12	9,7	10,2	90,7
	Semanalmente	6	4,8	5,1	95,8
	Quinzenalmente	1	,8	,8	96,6
	Sem periodicidade definida	4	3,2	3,4	100,0
	Total	118	95,2	100,0	
Ausente	Sistema	6	4,8		
Total		124	100,0		

Tabela 05: Frequência de leitura de textos de blogs

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Todos os dias	60	48,4	49,2	49,2
	De 5 a 6 vezes por semana	18	14,5	14,8	63,9
	De 2 a 4 vezes por semana	10	8,1	8,2	72,1
	Semanalmente	15	12,1	12,3	84,4
	Quinzenalmente	2	1,6	1,6	86,1
	Mensalmente	1	,8	,8	86,9
	Sem periodicidade definida	10	8,1	8,2	95,1
	Nunca	6	4,8	4,9	100,0
	Total	122	98,4	100,0	
Ausente	Sistema	2	1,6		
Total		124	100,0		

A leitura de Quadrinhos e Audiolivros se mostrou de baixa adesão no grupo pesquisado, com apenas 4,2% e 0,8% de leitura diária para estes formatos de apresentação de texto.

A pesquisa buscou também compreender a relação dos estudantes com diferentes suportes. Constatou-se que o formato mais utilizado, para livros, é o impresso (78%), fato que se reflete na ainda predominante preferência por esse suporte para 94,4% dos estudantes.

Interessante notar a semelhança desse número com o tamanho do mercado nacional de livros digitais no país, e no contraste dessa preferência se compararmos o tempo gasto com a leitura de livros (impressos) e o tempo de permanência em plataformas de leitura digitais, considerando computador, tablets e smartphones como tal.

Uma vez que a maioria dos estudantes lê notícias todos os dias, especialmente em sites de notícias (73,7%), buscou-se comparar o acesso a conteúdo de caráter noticioso em diferentes mídias.

Quando perguntados especificamente em relação à sua forma de acesso a notícias, os sites foram mais uma vez os mais citados (Fi=87), ultrapassando inclusive a TV (Fi=69) e buscas no Google (Fi=62).

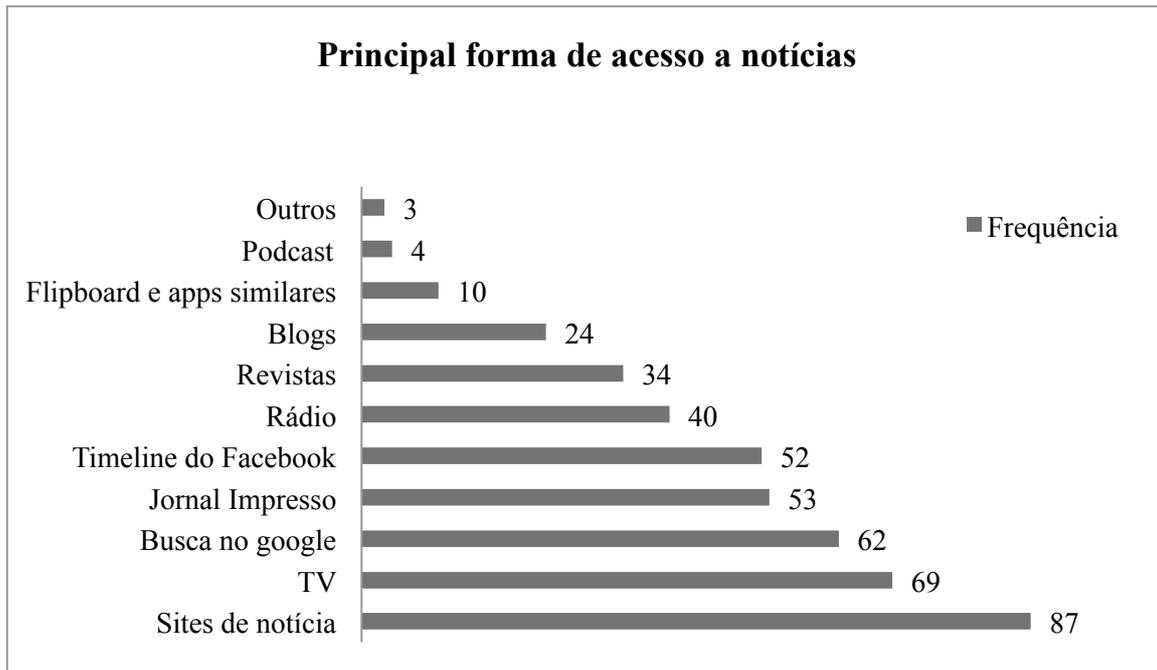


Figura 01 – Formas de acesso a notícias mais citadas pelos estudantes

Um dos achados mais importantes (Figura 01) é o aparecimento de uma quinta forma de acesso a notícias dentre as mais citadas pelos estudantes de Jornalismo: a *Timeline* do Facebook (Fi=52), que possui quase o mesmo número de citações do jornal impresso (Fi=52). Tal fato é ainda mais interessante quando analisamos a opinião dos estudantes em relação à confiabilidade das informações encontradas nesse SRS (Figura 02). Apenas 1,6% dos estudantes consideram o que leem no Facebook “muito confiável”. Os textos que são “muito confiáveis”, para este grupo, são encontrados respectivamente em Livros (35,5%), Artigos científicos (28,3%), Jornais Impressos (20,3%), Sites de Notícias (14,9%), Blogs (2,5%) e, em último lugar, a *Timeline* do Facebook (1,6%). Ainda, 37,1% dos respondentes consideram “Nada Confiável” as informações encontradas no Facebook, a despeito deste SRS ser a quinta maior fonte de acesso a notícias para esse público.

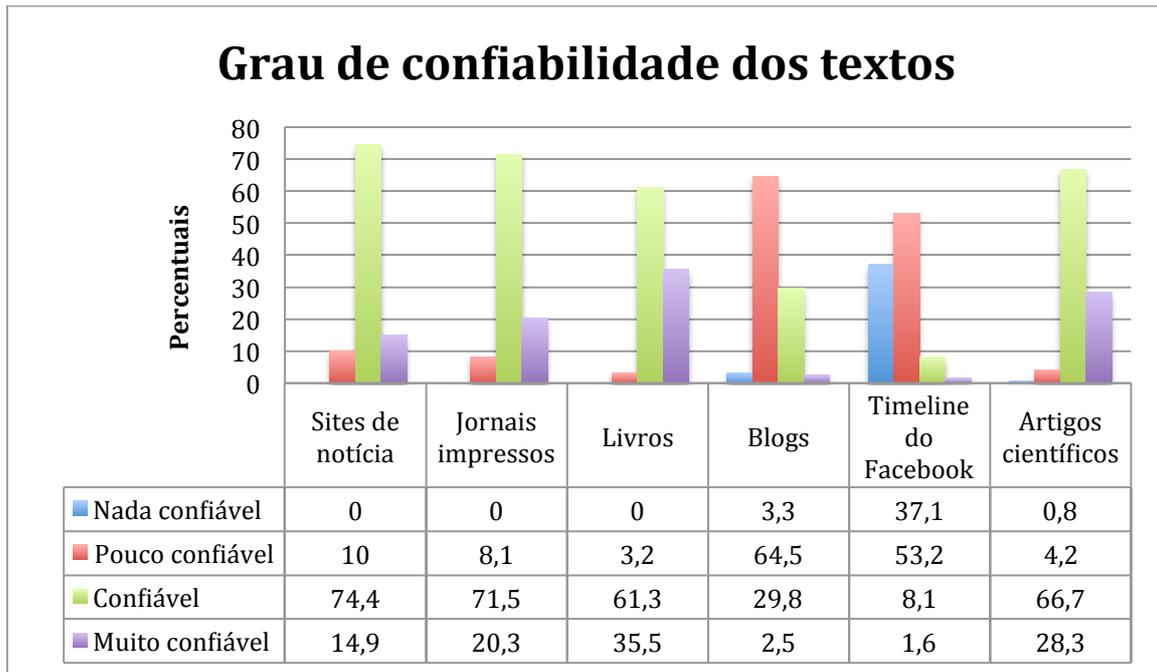


Figura 02 – Grau de confiabilidade informado pelos estudantes para diferentes meios de acesso a textos

Uso de Facebook

Dos 124 entrevistados, apenas um não possuía perfil no Facebook. Ou seja, 99,2% dos estudantes estão nessa plataforma. Apenas 3,2% dos que já criaram um perfil não o acessam. Pode-se dizer, em relação à rotina de utilização do grupo estudado, que a maioria (77,4%) usa o Facebook todos os dias, algumas vezes por semana (13,7%), uma vez por semana (4%), uma vez por mês (1,6%), enquanto apenas 4 estudantes informaram que não acessam o site (3,2%).

Ao solicitarmos aos participantes da pesquisa uma estimativa de seu tempo diário de uso de Facebook, os resultados se mostraram reveladores em relação à ubiquidade desse sistema enquanto prática cotidiana. Dos 77,4% que usam o site todos os dias, 16,5% alegaram gastar de 30 minutos a 1 hora. Para 25,6% a utilização diária dura de 1 a 2 horas. Para 10,7%, de 2 a 4 horas e, para 9,1%, de 4 a 5 horas. Por fim, 19,8% dos estudantes afirmaram passar mais de 5 horas lendo, navegando e postando informações no Facebook diariamente.

Testando correlações entre práticas de leitura

A correlação não visa indicar causalidade, mas apontar para a existência de um padrão ou tendência. Ao testarmos o coeficiente de correlação da frequência de uso de Facebook com a de leitura em diversas mídias, a pesquisa indica a inexistência de tal correlação, exceto no

caso da leitura de textos em sites e blogs. Ainda assim, trata-se de correlação negativa pouco significativa, sendo frequência de uso de Facebook e de leitura de blogs inversamente proporcionais (tabela 06).

Tabela 06: Correlações entre uso de Facebook e acesso a sites e blogs

			Frequência de uso de Facebook	Frequência de leitura: blogs
Tau_b de Kendall	Frequência de uso de Facebook	Correlações de coeficiente	1,000	-,222**
		Sig. (2 extremidades)	.	,006
		N	124	122
Rô de Spearman	Frequência de leitura: Textos de sites e blogs	Correlações de coeficiente	-,222**	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,006	.
		N	122	122
Rô de Spearman	Frequência de uso de Facebook	Correlações de coeficiente	1,000	-,250**
		Sig. (2 extremidades)	.	,005
		N	124	122
Rô de Spearman	Frequência de leitura: Textos de sites e blogs	Correlações de coeficiente	-,250**	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,005	.
		N	122	122

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Os resultados apontam para a ausência de correlação significativa no que diz respeito a livros em geral, livros ou trabalhos acadêmicos, revistas, jornais, sites de notícias, etc. Com base nos dados coletados, não se pode alegar que a utilização de SRS é fator de influência para se ler mais ou menos livros, por exemplo. Tampouco a recíproca seria verdadeira. Os estudantes que menos usam o Facebook não são necessariamente os que mais leem.

O baixo índice de leitura de livros não é suficiente para representar o volume de leitura, sendo portanto essencial utilizar outras medições que deem conta da diversidade de textos que permeiam o cotidiano.

Estes achados indicam, portanto, que mesmo sendo o fator “tempo” apontado pelos universitários como principal motivo para não lerem mais livros, a alta frequência de uso do Facebook não pode ser apresentada como causa, ou sequer correlacionada. Uma melhor compreensão desta problemática, excluídas essas hipóteses iniciais, deverá ser buscada em uma análise qualitativa que revele as nuances dos hábitos de leitura e preferências deste grupo.

Considerações finais

É comum, na pesquisa em Ciências Sociais, a busca por padrões e regularidades na vida social. Este estudo segue este caminho ao tentar identificar correlações e aspectos gerais dos hábitos de leitura e uso de internet e sites de redes sociais, especificamente o Facebook. Tais elementos são extremamente relevantes para a comunicação na atualidade, principalmente se considerarmos tendências que, se não foram condicionadas pelo surgimento da internet, têm sido mais regularmente destacadas na medida em que esta se difunde e se populariza paralelamente a diversas mudanças de estilo de vida na sociedade contemporânea.

A análise dos dados coletados aponta para uma média anual de leitura de livros entre os estudantes de Jornalismo abaixo da média nacional divulgada pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. Apesar da maioria dos participantes alegar possuir gosto pela leitura de livros, e estarem insatisfeitos com o número de títulos lidos, a falta de tempo é a principal limitação apontada. Essa falta de tempo, no entanto, não se reflete nas altas frequências de utilização de Facebook e de acesso a sites de notícias, práticas constantes destes estudantes.

Os que leem mais livros não são os que permanecem menos tempo conectados a SRS, e vice-versa, não podendo ser estabelecida qualquer relação nesse sentido entre o público estudado. Apesar de os dados coletados não suportarem a hipótese de que se lê mais notícias quando se é usuário frequente de SRS, os dados coletados mostram que a leitura de notícias, especificamente, está acontecendo predominantemente em meio digital.

REFERÊNCIAS

BABBIE, E. **The practice of social research**. 12. Ed. Belmont: Wadsworth/Cengage Learning, 2010.

BARBIER, F. B. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.

BOYD, D.; ELLISON, N. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, Indiana, v. 13, n. 1, online, out. 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

DIJCK, J. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York: Oxford University Press, 2013.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 201-228.

GONÇALVES, M. S.; MONTEIRO, J. A.; ROCHA, R. L. S. da. produção de sentido no consumo de textos e sua historicidade. In: **Mídia e cotidiano**, Brasil, v.1, n.1, ano, pp.24-43, jan/abr 2013.

Disponível em: < <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/13/21> >
Acesso em: 15 mai 14.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 107-116.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSA, F. Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**, N. 17, AGO/DEZ 2014. São Paulo: Itaú Cultural, 2007-.

YUNES, E. Políticas de leitura: registro de memórias e apontamentos críticos. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**, N. 17, AGO/DEZ 2014. São Paulo: Itaú Cultural, 2007-.